

Defenda-se!



Defenda-se!

Defenda-se!

1 - Um blog com uma missão

Se você acha que o que importa é o amanhã, então saiba que para se chegar ao futuro é primeiro preciso que se sobreviva ao presente hoje. Essa não é uma tarefa fácil. Não nos dias de hoje. Por isso, qualquer pessoa precavida deve antes fazer seu dever de casa e se manter segura, assim como deve também promover a segurança de seus familiares. Ajudar as pessoas a se defender é a missão desse blog.

2 - Surpresas desagradáveis

As pessoas são sempre cheias de sonhos. A maioria delas passa a maior parte do tempo pensando e agindo em busca de coisas que só acontecerão no futuro. É verdade que muitos sonhos jamais se realizarão, mas isso não é um problema real. Sonhos veem e vão.

Não importa. Uma coisa é certa: viver o máximo possível é um direito de todos, senão um dever. É um direito que ninguém deveria questionar ou violar, mas infelizmente o mundo real não funciona desta maneira.

E então, enquanto você se empenha em trabalhar, economizar cada centavo, fazer as coisas certas da maneira certa, surge a ameaça inesperada e brutal.

Que ameaça é esta?

E você estava preparado, ao menos mentalmente, para reagir a essa ameaça?

Provavelmente não.

Aquela viagem de sonhos pode virar um pesadelo de vida ou morte por causa de um simples pneu furado fora de hora no lugar errado.

Aquela praia deliciosa pode esconder também um ladrãozinho sorrateiro que leva sua carteira e faz seu sorriso bronzeado virar uma expressão de dor e desespero.

Você sai para comprar um pão na padaria ao lado e nem repara, mas esqueceu a janela aberta. Quando volta, entra em casa assoviando, sem perceber um vulto que corre da cozinha para o quintal, com um revólver na mão.

Você conversa alegremente com sua amiga favorita num bom restaurante numa noite agradável. Quando chega ao local onde deixou o carro, ele parece ter evaporado. E você o procura, certo de que se enganou de local. Mas não tem jeito. Os cacos de vidro denunciam o crime. Você foi roubado.

E agora?

Você está preparado para reagir a essas surpresas desagradáveis?

Se não está, deveria pensar melhor na maneira como tem levado sua vida.

Quaisquer que sejam seus sonhos e planos futuros, eles são preciosos demais para serem colocados em risco por uma atitude negligente sua aqui, agora, no presente.

Uma visão defensiva do mundo pode fazer a diferença?

Acreditamos que sim, mas se não está convencido, nós podemos entender esse seu modo de pensar.

Aos poucos trataremos das diversas objeções à abordagem defensiva de vida, mas agora é bom que saiba que a negligência para com sua segurança é um erro caro demais para ser cometido com muita frequência. Por vezes, um único erro pode ser também o último.

3 - Uma vida ingênua

É um fato consumado que passamos grande parte da vida sob a ameaça de riscos os mais diversos.

Quando nascemos, somos frágeis e só sobrevivemos porque somos protegidos pelos adultos contra o mundo à nossa volta. As primeiras lições que aprendemos ainda engatinhando é que não devemos fazer isso, não devemos tocar aquilo, não podemos ir a tal lugar, e que o mundo é um lugar perigoso.

Mais alguns anos e vamos às escolas aprender a ler, escrever e somar, mas continuamos ouvindo as mesmas recomendações. Não fale com estranhos, cuidado ao atravessar a rua, olhe onde pisa, cuidado com escadas, não saia sem avisar, não coma nada que não saiba a origem, fique longe de encrencas.

Depois, quando chegamos à adolescência, passamos a desafiar todas essas lições.

E depois ainda achamos que somos adultos preparados e paramos de nos preocupar.

A grande mensagem que fica gravada em nossa mente é esta:

"Não vai acontecer comigo"

O que não paramos para pensar é que só chegamos à vida adulta porque tivemos pessoas cuidadosas à nossa volta, instituições mais ou menos seguras as quais frequentamos, lares e ambientes mais ou menos saudáveis onde pudemos crescer razoavelmente sem problemas.

É verdade também que nem todos tiveram essas condições, mas se uma pessoa cresceu em um ambiente perigoso, então grande parte do mérito por estar vivo como adulto se deve mais à sorte que a qualquer outra habilidade sua.

Um adulto nunca pode esquecer que os tempos são outros. Na época em que era criança, a vida era mais fácil. Não havia tanta gente no mundo. Os valores não estavam tão deteriorados. Havia algum controle social.

Hoje as coisas são infinitamente mais difíceis.

Aceitar que a vida antes era mais fácil significa aceitar também que a maneira despreocupada com que fomos criados não vale mais para os dias de hoje.

Em outras palavras: aceitar que o mundo de hoje é mais perigoso que o de ontem implica em admitir que não fomos educados para enfrentar os riscos de hoje.

E se admitirmos que não estamos preparados para os riscos de hoje, então como é que conseguimos sobreviver?

Mais uma vez, não se deve atribuir o sucesso a algum mérito pessoal. Basicamente, sobrevivemos sem estar preparados mais devido à sorte que a qualquer outra coisa.

Mas essa situação pode ser mudada.

Talvez haja muita coisa que se possa aprender ao longo do tempo, mas a mais importante deve se a lição que quebra a vidraça embaçada que não nos permite ver a realidade. E essa vidraça quebrada mostrará que há, sim, riscos, e eles são muitos. A lição seria algo como:

"Se acontece com os outros, pode acontecer comigo também"

Já é um excelente começo admitir que a frase acima está correta.

O simples fato de aceitá-la pode lhe salvar a vida.

4 - Para se chegar ao amanhã

Para se chegar ao amanhã, é preciso sobreviver ao hoje. Essa afirmação pode parecer banal, trivial e inocente, mas não é.

Você concorda com ela com toda a força de sua razão?

Se você tem crianças pequenas, deve sonhar em vê-las um dia grandes, saudáveis e felizes. Faz o que pode para que tudo corra bem com seu emprego, para que não falte a renda para a poupança da faculdade das crianças, mas deixa um vidro de inseticida aberto, um fio qualquer desencapado, uma vidraça trincada. Qual criança nunca teve um acidente doméstico na vida?

As estatísticas são assustadoras. Crianças precisam de segurança. Nós adultos muitas vezes pensamos mais no futuro que no presente. Negligenciamos pequenas coisas. Colocamos em risco o futuro nosso e de nossa família quando nos concentramos excessivamente em segurança material, financeira e social e esquecemos da segurança física.

Acidentes em casa são coisas muitíssimo comuns.

Não deveriam ser.

Deveríamos ter um mínimo de segurança em nossas casas no dia a dia.

É claro que cuidamos da saúde das crianças. Mas acidentes acontecem.

O excesso de acidentes de todos os tipos com crianças inocentes, adultos saudáveis e idosos frágeis demonstra que as pessoas não estão preparadas para se proteger uns aos outros, mesmo quando não há ameaça alguma vinda de fora de nossas casas.

Não fomos educados para sermos precavidos. A nossa cultura não nos ensina a nos mantermos alertas para possíveis riscos à nossa integridade física.

E se pensarmos bem veremos que diante de uma situação de insegurança física não vale muito toda a segurança social, econômica, financeira e material disponível. Quebre um braço e todo o recurso do mundo poderá apenas remediar as consequências do ferimento. É verdade que você poderia evitar ter o braço quebrado e isso sem investir um único centavo de sua segurança financeira. A prevenção quase sempre não custa nada, porque, como veremos, ela depende muito mais de nossa maneira de pensar do que do uso de mecanismos físicos para nos proteger.

Um plano de saúde nada pode fazer para impedir que uma criança, um vidro de álcool e um fósforo acabem mal.

Então é preciso que você assimile essa verdade: seus planos futuros, sejam eles quais forem, dependem de seu esforço em se manter íntegro fisicamente hoje. Você pode dar um jeito naquela janela quebrada que ameaça cair sobre a cama de alguém uma hora dessas? Imagine um ente querido com um corte profundo provocado por um caco de vidro de uma janela trincada.

Você não poderá chegar ao amanhã se não se proteger fisicamente hoje. Para chegar ao amanhã, você e seus entes queridos devem estar fisicamente intactos.

Pense em seu corpo físico como algo valioso que deve estar constantemente protegido por uma redoma, um campo de força. Tudo que o rodeia pode atingi-lo, exceto se este campo de força estiver ligado.

Esse campo de força é a sua própria mente alerta, que vasculha constante e incansavelmente, todos os dias, em todos os lugares, as possíveis ameaças à sua integridade física, sejam elas reais ou potenciais. Esse estado mental alerta está treinado para ver riscos

futuros onde agora há apenas uma possibilidade remota de problemas, mas você sabe que ele, o campo de força, o seu escudo defensivo, pisca uma luz vermelha sempre que pressente algo errado.

Essa é a hora de agir.

Essa é a hora de tomar providências. Quando a luz vermelha se acende, é a hora de se precaver quanto a danos que não nos interessa.

Uma luz piscando deve sempre ter esse significado: uma ameaça que pode colocar em risco todo um futuro maravilhoso pela frente. Não vale a pena colocar planos e sonhos de décadas futuras em risco apenas porque você não tem tempo ou ânimo para agir agora.

Mas, se quiser, relaxe. Coisas ruins não acontecem com você. Só com os outros.

5 - A longevidade

Se pararmos para pensar que a cada manhã que acordamos em nossas camas, somos na verdade sobreviventes do ontem, então quanto mais vivemos, mais comprovamos nossa competência em sobreviver.

Se é assim, então uma prova de que você está se saindo bem e sobrevivendo, apesar dos problemas, é a sua idade.

Quanto mais velho, mais competência você tem.

Claro, a competência não é cumulativa. Quer dizer, uma pessoa não acumula competência em sobreviver, porque as possibilidades de problemas são tão grandes que não há experiência no mundo que possa proteger alguém de tudo.

Quando somos jovens não sabemos de um monte de coisas que podem ajudar a nos proteger. Então estamos mais vulneráveis.

Na medida em que vamos adquirindo experiência vamos aprendendo a evitar problemas e aumentamos nossas chances de vida.

Mas esse aumento de chance tem um limite.

É preciso lembrar que alguns riscos são constantes e independem de nossa experiência. Por exemplo: todos devem olhar para os dois lados

de uma rua antes de atravessá-la. Isso é básico e todos aprendem isso desde pequenos. Mas a experiência ensina que mesmo em uma rua de mão única devemos olhar para os dois lados e não só para um único lado, porque sempre existe o risco de algo vir na contramão.

Pois bem. Embora um adulto possa aprender essa regra mais sofisticada, ainda assim ele deve de fato olhar para os dois lados. O conhecimento deve ser seguido de ação. Ele não pode se descuidar somente porque sabe mais que alguém mais jovem que ele. A sua experiência não o imuniza contra coisas na contramão.

Isso leva a um acúmulo de regras tal que ajuda a explicar o porquê de as pessoas mais velhas serem tão conservadoras, caseiras e temerosas. Ao longo do tempo elas acumulam tantas regras de segurança e sobrevivência que simplesmente sobrecarregam suas ações e planos. Simplesmente não vale a pena o risco para elas de se fazer a maioria das coisas que as pessoas mais jovens fazem.

Outra consideração a ser feita é que os riscos são sempre dinâmicos. As ameaças de ontem podem ser conhecidas e evitadas, mas o hoje sempre nos proporciona novos problemas. Assim, não basta assimilar as lições do passado. É preciso acumular conhecimento dos riscos atuais. É preciso saber o que ocorre hoje. As ameaças não são necessariamente cumulativas, mas tendem a aumentar. Algo que era um risco para nossos avós pode não ser um risco para nós hoje, mas provavelmente ainda é, talvez em menor escala.

Veremos posteriormente como o passar do tempo, o aumento da população mundial, a degradação de valores sociais e o desenvolvimento da tecnologia tem criado um mundo melhor em certos aspectos, mas também gerado ameaças que nossos avós são incapazes de assimilar.

A lição a ser aprendida é que o mundo de ontem pode ter sido mais simples e fácil de viver, mas ainda assim não podemos menosprezar o feito de uma pessoa que tenha vivido por décadas de maneira segura e tranquila.

É verdade que há fatores como sexo, renda, herança genética, educação e localidade, dentre outros, que afetam as chances de uma pessoa sobreviver, mas certamente um idoso dos dias de hoje deve ser visto como um sobrevivente.

Da próxima vez que tiver oportunidade de conversar com algum deles, pergunte sobre como era a segurança a cinquenta anos atrás. Provavelmente ouvirá que a vida era mais fácil, mas também provavelmente ouvirá histórias de heroísmo, bravura, coragem, sofrimento, dor, perseverança e sorte que o deixará espantado.

Longevidade realmente pode ser mesmo uma questão de sorte, mas certamente é antes de tudo uma questão de amor à vida.

6 - Tempos perigosos

As pessoas mais velhas estão certas quando dizem que viveram em épocas passadas muito mais seguras e tranquilas?

Essa não é uma pergunta fácil de responder, porque se por um lado parece óbvio que muitos problemas que enfrentamos hoje são frutos de um estilo de vida, de uma cultura e de uma tecnologia que não existiam a algumas décadas atrás, por outro, uma pessoa otimista pode argumentar que estamos sendo parciais.

De fato, essa mesma tecnologia tem feito milagres em termos de segurança.

Não podemos negar esses avanços, mas podemos restringir os avanços apenas à tecnologia?

Também estaríamos sendo parciais?

Em parte, sim. Houve avanços em termos de educação que melhoraram nossa cultura e estilo de vida. Antes as pessoas tinham menos acesso à educação de melhor qualidade.

Há um vínculo entre educação e segurança?

Parece que sim.

Embora a cultura em si não possa ser considerada uma forma pura de educação formal, a cultura da segurança não parece uma realidade. Pelo contrário. O que vemos é uma cultura da violência.

Então, por um lado hoje temos mais educação formal acessível, mas temos uma forma indireta de aprendizagem cultural que aponta para um rumo contrário.

E há por trás dessa cultura algo que podemos chamar de estilo de vida. Há mais riscos no estilo de vida atual?

Sem sombra de dúvida.

O estilo de vida hoje é muito mais baseado em grandes grupos, em mobilidade, em ousadia, em risco controlado e em aventuras quase que perigosas. Há um amadurecimento sexual precoce da juventude e uma sexualização dos costumes que não é necessariamente uma coisa ruim, mas antecipa riscos para uma faixa etária que ainda não se encontra preparada para enfrentá-la.

Então, nossos avós estão corretos?

Podemos dizer que em parte, sim. Eles não tinham uma medicina avançada para protegê-los, mas também não tinham tantos bandidos nas ruas, tanto contato humano que propicia um atrito nem sempre saudável. Eles não tinham as notícias em primeira mão da Internet e da televisão, mas não eram obrigados a ver cenas terríveis entre um intervalo e outro do telejornal.

Pensando bem, cada época traz seus desafios, e essa discussão não vai tornar nosso mundo melhor só porque estamos discutindo o assunto.

Se por um lado não podemos voltar no tempo, por outro podemos tentar recriar aquilo que foi perdido, mas que era bom. Esse é um esforço sensato.

Não poderemos nunca mais fazer certas coisas, mas poderemos fazer outras.

De qualquer forma, já sobrevivemos ao passado.

O risco é agora.

Podemos ao menos aprender algo com os riscos do passado?

Podemos realmente aprender a viver de maneira segura?

Essa é a verdadeira questão.

7 - Aderência a regras: sua personalidade ajuda?

Viver com segurança significa que você e sua família devem agir de acordo com certas regras que proporcionem realmente segurança. No entanto, a aderência das pessoas a regras em geral não costuma ser muito grande.

Uma regra de segurança não é uma imposição legal. Não há nenhuma lei obrigando uma pessoa a segui-la, exceto em alguns casos, como as regras de trânsito, de porte de armas, de consumo de certas substâncias e da proteção que o Estado e os adultos devem prestar a outras pessoas, como crianças, mulheres, idosos e deficientes.

Portanto, uma regra de segurança, por mais óbvia e simples que seja, não pode ser imposta. Tente, por exemplo, obrigar uma pessoa qualquer a olhar para os dois lados da rua. Simplesmente não é possível.

Mesmo as regras legais de segurança não são realistas nas consequências de suas violações. Quer dizer, há determinadas regras que existem por força de lei, mas que não são cumpridas. No entanto, fazer com que sejam cumpridas é quase impossível. Violações a elas são de difícil comprovação e por isso quase não se pune que as infringiu.

Regras sem punições são regras inócuas? Muitas delas são, mas as regras de segurança existem muitas vezes mais para servir como um alerta do que propriamente para que sejam seguidas rigorosamente. As pessoas, ao tomarem conhecimento delas, passam a perceber que há uma preocupação ou um risco real com determinado assunto. Todos percebem que muito provavelmente não serão punidos se não as cumprir, mas passam a saber que há algum risco envolvido em violá-las.

Por exemplo: há no nosso Código de Trânsito uma restrição quanto aos ocupantes de um veículo trafegarem com os braços para fora das janelas. Essa é uma regra claramente de difícil fiscalização. Por isso muita gente não dá a mínima importância para ela. Algumas pessoas sabem que não serão punidas por nenhuma fiscalização. Por outro lado muitas pessoas passaram a perceber que há de fato um risco real em se deixar um braço para fora. Qual é esse risco?

Somente depois de ouvir algumas histórias tristes de braços quebrados por motoqueiros em alta velocidade é que algumas pessoas passam a se preocupar com o assunto.

Então passamos ao ponto que nos interessa.

A grande maioria das regras de segurança não são escritas, nem codificadas, nem estão em leis, nem levam os infratores a serem multados. Mas todas, sem exceção, sinalizam para um risco em potencial caso as violemos.

Respeitar ou violar regras de segurança é uma questão de quão disposta uma pessoa está em manter-se viva e segura. Ela pode violar muitas regras e sobreviver sem um arranhão. Mas às vezes uma única violação de uma simples regra banal pode significar a morte imediata. Os atropelamentos são um sinal claro de que mesmo uma regra simples como "olhar para os dois lados antes de atravessar uma rua" é negligenciada.

A aderência a regras é uma questão de personalidade?

Sim.

O que leva uma certa pessoa a ser metódica, disciplinada e esforçada quanto a regras em geral?

O que leva uma outra a ser preguiçosa, sarcástica e cínica, indolente e procrastinadora, irresponsável e insensível quando o assunto é a preservação de vidas humanas?

Essa é uma pergunta perturbadora.

Você em seu íntimo sabe como se sente com relação a regras em geral e quanto a regras de segurança em particular. Como você é?

Admitir que você é como é já é um bom começo.

Se não gosta de como é, então é hora de mudar.

8 - Regras e mais regras

É verdade que já vivemos em uma sociedade em que há regras demais. Consulte um advogado e ficará sabendo que há milhões de artigos legais proibindo ou permitindo quase tudo. Fora isso temos ainda regras sociais e regras no trabalho, regras em casa e nas instituições. Simplesmente não se vive sem regras.

Regras implicam em aprendizado. Não se pode falar em regras sem a devida aplicação delas. Elas existem para serem cumpridas. Logo, se não as cumprimos, temos de aprender a cumpri-las. O não cumprimento normalmente implica em pena.

Uma regra de segurança é algo sutil e quase que transparente. Desobedecê-las implica em algo quase que prazeroso, porque ao desobedecê-las, nos livramos do fardo que é respeitá-las dia após dia, hora após hora, minuto após minuto. No entanto, não devemos nos esquecer que elas são implacáveis com que as negligencia.

Uma regra de segurança, uma regra de sobrevivência, não exige uma lei escrita para se fazer cumprir. Ninguém está proibido de circular pela madrugada por um bairro perigoso usando joias caras e muito dinheiro no bolso. Mas quase todos sabem dos riscos. Descumpra uma regra de segurança e as chances de se sair punido pelo erro é muito grande.

Por serem duras, as punições são naturalmente educativas. Uma pessoa que negligencia uma regra de segurança e sofre algum tipo de problema por essa negligência passará por uma experiência quase sempre dolorosa, violenta, traumática e assustadora. Essa experiência servirá de aprendizado. Uma pessoa normal que aprender uma lição por esse método dificilmente cometerá um segundo erro.

Esse não é um método muito recomendado, temos de admitir.

Se as regras de segurança são mesmo implacáveis, segui-las implica em um constante monitoramento. Esse estado de constante atenção gera inevitavelmente um nível elevado de estresse. Não há dúvida: grande parte do caos moderno se deve a esse elevado nível de estresse oriundo do constante estado de alerta no qual as pessoas vivem. Sobreviver em um grande centro urbano não é uma tarefa fácil. Daí que as pessoas que vivem em cidades são nitidamente mais estressadas e nervosas que as que vivem em locais calmos e pouco violentos.

Vivemos então um dilema: se observamos as regras de segurança, vivemos estressados. Se não as observamos, mais cedo ou mais tarde seremos vítimas de acidentes, violência, agressão ou crimes. A condição de vítima acabará gerando uma explosão de estresse e o trauma de um acontecimento ruim levará qualquer um a uma situação de quase paranoia na busca de não sofrer novamente um outro acontecimento ruim.

Mas não há dúvida. O estresse de se observar regras é muitíssimo menor que o estresse de se juntar os cacos depois de ser vitimado por uma experiência ruim. Então só nos resta nos conformarmos com essa realidade e fazer da tarefa de se observar regras de segurança uma experiência a menos estressante possível.

Mas como?

A resposta está na aprendizagem.

Por ora é o suficiente que saibamos que uma regra bem aprendida é uma regra mais fácil de ser seguida.

Se por acaso não concorda com esse entendimento, converse com uma pessoa qualquer que foi vítima de qualquer tipo de violência, seja acidental ou criminosa. Pergunte do trauma e do tempo que a pessoa levou para superar a crise, se é que a superou.

Aprender pela dor sempre será a pior forma de aprendizado.

9 - O círculo de proteção recíproca

Seria muito bom se pudéssemos nos limitar a cuidar de nossa própria segurança individual. Essa por si só já não é uma tarefa fácil.

Mas na vida real temos que cuidar de mais gente além de nós. Além de termos de nos manter alertas contra todo tipo de perigo ainda temos de olhar pelos outros.

Podemos negar essa verdade?

Podemos.

Mas é uma atitude correta? Cada um por si e Deus que olhe pelos demais?

Não. Simplesmente não podemos.

Vivemos em comunidade e a tarefa de vigilância é uma tarefa de mão dupla. Olhamos por nós e pelos que nos rodeiam e as pessoas que nos rodeiam olham por elas e por nós, mesmo que não percebamos esse tipo de vigilância.

O egoísmo em matéria de segurança é um problema sério e deve ser combatido com muita severidade e empenho. É uma herança cultural que precisa ser desaprendida.

Não é apenas uma questão de cuidar dos mais fracos. Não é apenas uma questão de proteger mulheres, idosos e crianças. O conceito de círculo de proteção vai além disso.

Olhamos por nós, mas ao estarmos em estado de alerta, observamos possibilidades de risco envolvendo outras pessoas. Essas outras pessoas em geral são pessoas do nosso meio. São familiares, vizinhos, colegas de trabalho. Mas sem perceber fazemos mais que simplesmente proteger gente conhecida.

Uma pessoa alerta pode proteger uma pessoa desconhecida e pode por sua vez ser protegido por alguém que não o conheça.

O conceito de círculo de proteção recíproca envolve um amadurecimento de nossa personalidade egoísta e individualista. Temos uma certa tendência natural de achar que não podemos mudar o mundo e por isso não agimos quando podemos agir.

Vencer a barreira do individualismo em matéria de segurança é um passo fundamental na melhoria da qualidade de vida nossa e das pessoas que nos rodeiam. Se bem aplicado, o conceito pode mesmo melhorar a qualidade da segurança de pessoas que jamais tornaremos a encontrar pelos restos de nossas vidas.

Quem não conhece pelo menos uma única história de um herói anônimo que aparece do nada e nos avisa para que tomemos cuidado, para ficarmos alertas, orientando-nos para que evitemos certo lugar, ou que tomemos certa providência, ou que nos protejamos de algum risco?

Nós podemos ser o herói desconhecido para alguém que, por um momento de distração, possa estar em perigo.

Podemos escolher, no entanto, a covardia e a omissão, o egoísmo e a preguiça.

O que você escolhe?

10 - O processo de aprendizagem

Viver com segurança implica em aprender certos hábitos e desaprender outros.

O processo de aprendizagem em segurança é possível ou viável?

Sim, o processo é possível. Podemos aprender regras e procedimentos de segurança assim como aprendemos uma série de outras coisas. Pode ser um pouco lento para alguns, ou mesmo difícil para outros, mas não há nada no processo em si que o torne diferente de outro processo de aprendizagem qualquer.

O processo de aprendizagem em matéria de segurança é viável?

Ele é viável somente na medida em que tenha sido codificado. Quer dizer, como qualquer processo de aprendizagem, uma regra ou procedimento de segurança deve ser estudado e organizado no sentido de atender os princípios básicos de aprendizagem.

É neste aspecto que a cultura moderna falha dolorosamente.

Pense nos computadores e no quão difícil é operá-los para alguém que jamais se aproximou de um deles. No entanto, parece banal para usuários experientes. A diferença entre um leigo e um usuário experiente é simplesmente que o usuário experiente passou por um processo de aprendizagem que o tornou apto a entender o uso de um computador.

O mesmo processo se dá com qualquer tipo de conhecimento.

Em termos de qualidade talvez as pessoas mais bem preparadas para usar procedimentos de segurança sejam as que trabalham com a hipótese de violência. São os policiais militares e civis, os militares das forças armadas, os guarda-costas particulares, os policiais federais, os seguranças bancários, os vigilantes noturnos, empregados de empresas de transportes de valores, bombeiros, dentre outros.

Esses profissionais são treinados para serem aptos a adotar procedimentos de segurança efetivos, além de usarem armas e equipamentos de segurança, mas de início são pessoas que nada sabem sobre o assunto até receberem o treinamento adequado.

Que treinamento é esse?

Na verdade, não é um único treinamento, mas um conjunto deles.

Então o que esses profissionais aprendem que os tornam de fato profissionais, e não amadores com fardas, cacetetes e pistolas?

O que eles aprendem que nós, cidadãos comuns, podemos também aprender?

O que eles podem nos ensinar?

Quem pode nos ensinar?

É viável um processo de aprendizagem em massa que torne as pessoas tão familiarizadas com segurança que realmente o processo venha a fazer alguma diferença em termos de qualidade de vida de seus usuários?

São perguntas importantes e que merecem uma resposta adequada.